

19 MAR 1996

CORREIO BRAZILIENSE

EDITOR: Olímpio de Melo  
TELEFONE: (061)321-2123 / ramal 145  
FAX: (061)321-3864

*Sarney, José*

# RUY FABIANO

PONTO DE VISTA

## Nuvens e padrinhos

O falecido Magalhães Pinto cunhou a frase segundo a qual política é como nuvem: a cada momento assume feição diferente. Outro fundamento clássico é o de que, em política, quem não tem padrinho morre pagão, embora a primeira providência do apadrinhado, ao chegar ao poder, seja exatamente livrar-se de seu patrono.

Esse conjunto de práticas e fundamentos explica o rompimento recente entre o governador Tasso Jereissati, do Ceará, e o presidente do Senado, José Sarney. Tasso chegou à política nacional pelas mãos de Sarney, que, além de impor sua candidatura a governador, em 86, ao PMDB cearense, tentou fazê-lo seu ministro da Fazenda, em 1987.

Não conseguiu. Um grupo de peemedebistas paulistas, sob o comando de Ulysses Guimarães, Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso, vetou Tasso e impôs a Sarney o nome de Bresser Pereira. O mundo dá voltas e Tasso hoje tornou-se um porta-voz informal da corrente que no passado o hostilizou. Num gesto inesperado, vocalizou críticas duras a Sarney, em função da CPI dos Bancos, quando integrava a comitiva do presidente da República em viagem ao Japão.

Tasso é um dos agentes da causa da reeleição. Na hipótese de a emenda passar, ele é forte candidato a integrar a chapa ao lado de Fernando Henrique. Não passando, espera o reconhecimento pelos

serviços prestados na hora de pleitear sua própria candidatura.

Em ambas as hipóteses, terá que esbarrar em seu antigo padrinho José Sarney. Sabe-se que, na eventualidade de passar a reeleição, Sarney, que não a deseja, empenha-se em negociar a vaga de vice-presidente para sua filha Roseana, governadora do Maranhão. Não passando, ele próprio entrará em cena para disputar a eleição.

Tasso, pois, com suas críticas, tentou acertar dois alvos com uma só cajadada: de um lado, prestou serviços ao presidente, credenciando-se a futuras recompensas; de outro, vocalizou a causa dos bancos, que temem a CPI e cuja gratidão será de inestimável utilidade ao tempo da campanha sucessória.

O episódio do Japão insere-se nas mais caras (sem trocadilho) tradições do fazer político brasileiro. Há um pouco de tudo: teatralidade, oportunismo, dublagem.

Fernando Henrique, que saboreou as estocadas de Tasso, instruiu, na seqüência, seu porta-voz Sérgio Amaral a esclarecer que ele nada tinha a ver com aquilo, que continua prezando imensamente Sarney, que espera continuar a tê-lo a seu lado em prol do bem-estar do povo brasileiro etc. etc. Claro, claro. Só faltou dizer que é leitor de cabeceira d'Os Marimbondos de Fogo. A julgar pelas preliminares, a próxima sucessão presidencial promete.